



PROFESSOR

CARREIRA EDUCACIONAL

O básico para concursos

BÁSICO CONCURSOS

CÓD: SL-008DZ-23
7908433250852

Língua Portuguesa

1. Compreensão e interpretação de textos	9
2. Gênero Textual; Tipologia Textual;	10
3. Ortografia oficial	12
4. Acentuação gráfica	12
5. Crase	14
6. Pontuação	14
7. Emprego das classes de palavras: substantivo adjetivo, preposição, conjunção, advérbio, verbo, pronome, numeral, interjeição e artigo	16
8. Concordância nominal e verbal	21
9. Regência nominal e verbal;	22
10. Redação Oficial	25
11. Fonema	33
12. Sílabas	35
13. Análise Sintática Período Simples e Composto; Figuras de sintaxe	35
14. Figuras de Linguagem	40
15. Significação das palavras: sinônimos, antônimos, sentidos próprio e figurado	42
16. Vícios de linguagem;	43
17. Estrutura e formação das palavras;	45
18. Discurso direto, discurso indireto e discurso indireto livre;	47

Matemática, Estatística e Raciocínio Lógico

1. Operações com números Naturais; Operações com números Reais; Operações com números Racionais; Operações com números irracionais; Operações fundamentais: adição, subtração, multiplicação e divisão	59
2. Equações do 1º grau; Equações do 2º grau; Sistemas de equações do 1º grau; Sistemas de equações do 2º grau	67
3. Noções de conjuntos	72
4. Sistema métrico decimal	76
5. Sistema monetário brasileiro	78
6. Razão e Proporção; Divisão proporcional; Regras de três simples; Regras de três Composta	80
7. Porcentagem; Juros simples; Juros compostos	86
8. Geometria Plana; Geometria Espacial; Geometria Analítica	88
9. Trigonometria	100
10. Estatística – medidas de dispersão: média, moda e mediana	103
11. Análise combinatória	105
12. Probabilidade	108
13. Matrizes; Determinantes; Sistema Lineares	109
14. Funções	117
15. Lógica de proposições	122
16. Lógica de primeira ordem	126
17. Problemas envolvendo balança de pratos	126

ÍNDICE

18. Planificação de sólidos. Projeções de objetos tridimensionais.....	127
19. Sequências de números, figuras, letras e palavras	131
20. Orientação no plano, no espaço e no tempo.....	132
21. Princípio da casa dos pombos.....	136
22. Problemas envolvendo palitos.....	137
23. Questões envolvendo parentesco e árvores genealógicas	138
24. Lógica; Raciocínio Lógico	138

Direito Constitucional

1. Dos direitos e garantias fundamentais (arts. 5º a 17 da cf, de1988): Características (direitos fundamentais), dos direitos e deveres individuais e coletivos, dos direitos sociais;	145
2. Da organização do estado (arts. 18 A 43 da cf, de1988): Administração pública: disposições gerais;.....	155
3. Da organização dos poderes (arts. 44 A 135 da cf, de 1988);	168
4. Ordem social (arts. 193 A 232 da cf, de 1988): Da educação, da cultura e do desporto, da família, da criança, do adolescente E Do Idoso.....	196

Noções de Informática

1. CONCEITOS GERAIS DE INFORMÁTICA E INTRODUÇÃO	213
2. SISTEMAS OPERACIONAIS: Windows 10, Linux / Unix.....	217
3. MICROSOFT OFFICE: Word 2019, Excel 2019, Powerpoint 2019	239
4. INTERNET: Navegadores (Browsers), Correio Eletrônico (E-Mail), Serviços (Internet) – (Computação Em Nuvem (Cloud Computing), Grupos Colaborativos E De Discussão, Sites De Busca (Google, Bing, Yahoo, Etc.)	243
5. SEGURANÇA DA INFORMAÇÃO: Ameaças (Vírus, Worms, Trojans, Malware, Etc.)	254
6. FERRAMENTAS PARA EAD	256

Conhecimentos Pedagógicos

1. ENSINO E FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: Prática Educativa; Teorias, Tendências E Concepções Pedagógicas.....	265
2. Didática E METODOLOGIAS DE ENSINO	273
3. APRENDIZAGEM E SUAS TEORIAS/AVALIAÇÕES.....	273
4. FORMAÇÃO DE PROFESSORES E SEU PAPEL	287
5. PEDAGOGIA – LETRAMENTO E ALFABETIZAÇÃO.....	291
6. EDUCAÇÃO ESCOLAR — FUNÇÕES DA ESCOLA/EDUCAÇÃO	293
7. PLANEJAMENTO DE CURRÍCULO.....	295
8. MULTI, PLURI, INTER, TRANSDISCIPLINARIDADE	307
9. MODALIDADES DE ENSINO — EDUCAÇÃO ESPECIAL, EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA, EDUCAÇÃO PARA JOVENS E ADULTOS, EDUCAÇÃO INDÍGENA, EDUCAÇÃO QUILOMBOLA E EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA (EAD), EDUCAÇÃO DO CAMPO, EDUCAÇÃO BILÍNGUE (NOVA ATUALIZAÇÃO DA LDB).....	308
10. Educação Inclusiva Ou Ensino Inclusivo	325
11. Educação Infantil – (Conceitos Em Educação Infantil, Pedagogia Da Infância E Conceito De Infância.....	326

ÍNDICE

12. Afetividade.....	330
13. O Cuidar E O Educar.....	333
14. Desenvolvimento Da Criança (Piaget, Vygotsky, Wallon, Etc.).....	335
15. Planejamento Dos Espaços (Educação Infantil)	341
16. Práticas Educativas Dos Educadores, Ludicidade, Gestão Da Educação Infantil	341
17. Alfabetização.....	348
18. GESTÃO OU ADMINISTRAÇÃO EDUCACIONAL	374
19. SISTEMA EDUCACIONAL/COMPETÊNCIAS LEGAIS — NÍVEL INFANTIL (NORMATIVAS DA LEGISLAÇÃO).....	375
20. NÍVEL FUNDAMENTAL (NORMATIVAS DA LEGISLAÇÃO)	375
21. EDUCAÇÃO INTEGRAL (NORMATIVAS DA LEGISLAÇÃO).....	376
22. POLÍTICAS PÚBLICAS EM EDUCAÇÃO.....	376
23. EDUCAÇÃO BRASILEIRA: TEMAS EDUCACIONAIS E PEDAGÓGICOS: Correntes Pedagógicas.....	376
24. Organização Do Sistema De Ensino.....	381
25. Metodologias.....	382
26. Avaliação Da Aprendizagem.....	383

Tecnologia a Favor da Alfabetização

Segundo Moran, Masetto e Behrens¹¹¹, muitas formas de ensinar hoje não se justificam mais. Perdemos tempo demais, aprendemos muito pouco, nos desmotivamos continuamente. Tanto professores como alunos temos a clara sensação de que muitas aulas convencionais estão ultrapassadas. Mas, para onde mudar? Como ensinar e aprender em uma sociedade mais interconectada?

Avançaremos mais se soubermos adaptar os programas previstos às necessidades dos alunos, criando conexões com o cotidiano, com o inesperado, se transformarmos a sala de aula em uma comunidade de investigação.

Ensinar e aprender exigem hoje muito mais flexibilidade espaço temporal, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação. Uma das dificuldades atuais é conciliar a extensão da informação, a variedade das fontes de acesso, com o aprofundamento da sua compreensão, em espaços menos rígidos, menos engessados. Temos informações demais e dificuldade em escolher quais são significativas para nós e consequir integrá-las dentro da nossa mente e da nossa vida.

A aquisição da informação, dos dados dependerá cada vez menos do professor. As tecnologias podem trazer hoje dados, imagens, resumos de forma rápida e atraente. O papel do professor - o papel principal - é ajudar o aluno a interpretar esses dados, a relacioná-los, a contextualizá-los.

Aprender depende também do aluno, de que ele esteja pronto, maduro, para incorporar a real significação que essa informação tem para ele, para incorporá-la vivencialmente, emocionalmente. Enquanto a informação não fizer parte do contexto pessoal - intelectual e emocional - não se tornará verdadeiramente significativa, não será aprendida verdadeiramente.

Avançaremos mais pela educação positiva do que pela repressiva. É importante não começar pelos problemas, pelos erros, não começar pelo negativo, pelos limites. E sim começar pelo positivo, pelo incentivo, pela esperança, pelo apoio na nossa capacidade de aprender e de mudar.

Ajudar o aluno a que acredite em si, que se sinta seguro, que se valorize como pessoa, que se aceite plenamente em todas as dimensões da sua vida. Se o aluno acredita em si, será mais fácil trabalhar os limites, a disciplina, o equilíbrio entre direitos e deveres, a dimensão grupal e social.

As Dificuldades para Mudar a Educação

As mudanças demorarão mais do que alguns pensam, porque nos encontramos em processos desiguais de aprendizagem e evolução pessoal e social. Não temos muitas instituições e pessoas que desenvolvam formas avançadas de compreensão e integração, que possam servir como referência. Predomina a média, a ênfase no intelectual, a separação entre a teoria e a prática.

Temos grandes dificuldades no gerenciamento emocional, tanto no pessoal como no organizacional, o que dificulta o aprendizado rápido. São poucos os modelos vivos de aprendizagem integradora, que junta teoria e prática, que aproxima o pensar do viver.

A ética permanece contraditória entre a teoria e a prática. Os meios de comunicação mostram com frequência como alguns governantes, empresários, políticos e outros grupos de elite agem im-

punemente. Muitos adultos falam uma coisa - respeitar as leis - e praticam outra, deixando confusos os alunos e levando-os a imitar mais tarde esses modelos.

O autoritarismo da maior parte das relações humanas interpessoais, grupais e organizacionais espelha o estágio atrasado em que nos encontramos individual e coletivamente de desenvolvimento humano, de equilíbrio pessoal, de amadurecimento social. E somente podemos educar para a autonomia, para a liberdade com processos fundamentalmente participativos, interativos, libertadores, que respeitem as diferenças, que incentivem, que apoiem, orientados por pessoas e organizações livres.

As mudanças na educação dependem, em primeiro lugar, de termos educadores maduros intelectual e emocionalmente, pessoas curiosas, entusiasmadas, abertas, que saibam motivar e dialogar. Pessoas com as quais valha a pena entrar em contato, porque dele saímos enriquecidos.

O educador autêntico é humilde e confiante. Mostra o que sabe e, ao mesmo tempo está atento ao que não sabe, ao novo. Mostra para o aluno a complexidade do aprender, a nossa ignorância, as nossas dificuldades. Ensina, aprendendo a relativizar, a valorizar a diferença, a aceitar o provisório. Aprender é passar da incerteza a uma certeza provisória que dá lugar a novas descobertas e a novas sínteses.

Os grandes educadores atraem não só pelas suas ideias, mas pelo contato pessoal. Dentro ou fora da aula chamam a atenção. Há sempre algo surpreendente, diferente no que dizem, nas relações que estabelecem, na sua forma de olhar, na forma de comunicar-se, de agir. São um poço inesgotável de descobertas.

Enquanto isso, boa parte dos professores é previsível, não nos surpreende; repete fórmulas, sínteses. São docentes "papagaios", que repetem o que leem e ouvem, que se deixam levar pela última moda intelectual, sem questioná-la.

É importante termos educadores/pais com um amadurecimento intelectual, emocional, comunicacional e ético, que facilite todo o processo de organizar a aprendizagem. Pessoas abertas, sensíveis, humanas, que valorizem mais a busca que o resultado pronto, o estímulo que a repreensão, o apoio que a crítica, capazes de estabelecer formas democráticas de pesquisa e de comunicação.

As mudanças na educação dependem também de termos administradores, diretores e coordenadores mais abertos, que entendam todas as dimensões que estão envolvidas no processo pedagógico, além das empresariais ligadas ao lucro; que apoiem os professores inovadores, que equilibrem o gerenciamento empresarial, tecnológico e o humano, contribuindo para que haja um ambiente de maior inovação, intercâmbio e comunicação.

As mudanças na educação dependem também dos alunos. Alunos curiosos, motivados, facilitam enormemente o processo, estimulam as melhores qualidades do professor, tornam-se interlocutores lúcidos e parceiros de caminhada do professor-educador.

Alunos motivados aprendem e ensinam, avançam mais, ajudam o professor a ajuda-los melhor. Alunos que provêm de famílias abertas, que apoiam as mudanças, que estimulam afetivamente os filhos, que desenvolvem ambientes culturalmente ricos, aprendem mais rapidamente, crescem mais confiantes e se tornam pessoas mais produtivas.

Integrar os Meios de Comunicação na Escola

Antes da criança chegar à escola, já passou por processos de educação importantes: pelo familiar e pela mídia eletrônica. No ambiente familiar, mais ou menos rico cultural e emocionalmente,

111 MORAN, J. M.; MASETTO, M. T.; BEHRENS, M. A. *Novas tecnologias e mediação pedagógica.*

fundamentais de aprendizagem já estão desenvolvidos de forma significativa. Urge também a educação para as mídias, para compreendê-las, criticá-las e utilizá-las da forma mais abrangente possível.

Preparar os Professores para a Utilização do Computador e da Internet

- O primeiro passo é facilitar o acesso dos professores e dos alunos ao computador e à Internet. Procurar de todas as formas possíveis que todos possam ter o acesso mais fácil, frequente e personalizado possível às novas tecnologias. Ter salas de aula conectadas, ambientes para pesquisa, laboratórios bem equipados. Facilitar que os professores possam ter seus próprios computadores. Facilitar que cada aluno possa ter um computador pessoal portátil. Sabemos que esta situação no Brasil é atualmente uma utopia, mas hoje o ensino de qualidade passa também necessariamente pelo acesso rápido, contínuo e abrangente a todas as tecnologias, principalmente às telemáticas.

Um dos projetos políticos mais importantes é que a sociedade encontre formas de diminuir a distância que separa no acesso à informação entre os que podem e os que não podem pagar por ela. As escolas públicas, comunidades carentes precisam ter esse acesso garantido para não ficarem condenadas à segregação definitiva, ao analfabetismo tecnológico, ao ensino de quinta classe.

- O segundo passo é ajudar na familiarização com o computador, com seus aplicativos e com a Internet. Aprender a utilizá-lo no nível básico, como ferramenta. No nível mais avançado: dominar as ferramentas da WEB, do e-mail. Aprender a pesquisar nos *search*, a participar de listas de discussão, a construir páginas.

- O nível seguinte é auxiliar os professores na utilização pedagógica da Internet e dos programas multimídia. Ensiná-los a fazer pesquisa.

Começar pela pesquisa aberta, onde há liberdade de escolha do lugar (tema pesquisado livremente) e pesquisa dirigida, focada para um endereço específico ou um site determinado. Pesquisa nos sites de busca, nos bancos de dados, nas bibliotecas virtuais, nos centros de referência. Pesquisa dos temas mais gerais para os mais específicos, pesquisa grupal e pessoal.

- A internet pode ser utilizada em um projeto isolado de uma classe, como algo complementar ou um projeto voluntário, com alunos se inscrevendo. A Internet pode ser um projeto entre vários colégios ou grupos, na mesma cidade, de várias cidades ou países. O projeto pode evoluir para a interdisciplinaridade, integrando várias áreas e professores. A Internet pode fazer parte de um projeto institucional, que envolve toda a escola de forma mais colaborativa.

A escola pode utilizar a Internet em uma sala especial ou laboratório, onde os alunos se deslocam especialmente, em períodos determinados, diferentes da sala de aula convencional. A internet também pode ser utilizada na sala de aula conectada, só pelo professor, como uma tecnologia complementar do professor ou pode ser utilizada também pelos alunos conectados através de notebooks na mesma sala de aula, sem deslocamento.

Alguns Caminhos para Integrar as Tecnologias num Ensino Inovador

Na sociedade da informação, todos estamos reaprendendo a conhecer, a comunicar-nos, a ensinar; reaprendendo a integrar o humano e o tecnológico; a integrar o individual, o grupal e o social.

É importante conectar sempre o ensino com a vida do aluno. Chegar ao aluno por todos os caminhos possíveis: pela experiência, pela imagem, pelo som, pela representação (dramatizações, simulações), pela multimídia, pela interação *online* e *offline*.

Partir de onde o aluno está. Ajuda-lo a ir do concreto ao abstrato, do imediato para o contexto, do vivencial para o intelectual. Os professores, diretores, administradores terão que estar permanentemente processo de atualização através de cursos virtuais, de grupos de discussão significativos, participando de projetos colaborativos dentro e fora das instituições em que trabalham.

Tanto nos cursos convencionais como nós à distância teremos que aprender a lidar com a informação e o conhecimento de formas novas, pesquisando muito e comunicando-nos constantemente. Isso nos fará avançar mais rapidamente na compreensão integral dos assuntos específicos, integrando-os num contexto pessoal, emocional e intelectual mais rico e transformador. Assim poderemos aprender a mudar nossas ideias, sentimentos e valores onde se fizer necessário.

Necessitamos de muitas pessoas livres nas escolas que modifiquem as estruturas arcaicas, autoritárias do ensino - escolar e gerencial - Só pessoas livres, autônomas - ou em processo de libertação - podem educar para a liberdade, podem educar para a autonomia, podem transformar a sociedade. Só pessoas livres merecem o diploma de educador.

Faremos com as tecnologias mais avançadas o mesmo que fazemos conosco, com os outros, com a vida. Se somos pessoas abertas, as utilizaremos para comunicar-nos mais, para interagir melhor. Se somos pessoas fechadas, desconfiadas, utilizaremos as tecnologias de forma defensiva, superficial. Se somos pessoas autoritárias, utilizaremos as tecnologias para controlar, para aumentar o nosso poder. O poder de interação não está fundamentalmente nas tecnologias, mas nas nossas mentes.

Ensinar com as novas mídias será uma revolução, se mudarmos simultaneamente os paradigmas convencionais do ensino, que mantêm distantes professores e alunos. Caso contrário conseguiremos dar um verniz de modernidade, sem mexer no essencial. A Internet é um novo meio de comunicação, ainda incipiente, mas que pode ajudar-nos a rever, a ampliar e a modificar muitas das formas atuais de ensinar e de aprender.

Perspectiva Infantil na Fase da Alfabetização

¹¹²A Educação Infantil tem papel importante no desenvolvimento da expressividade da criança, porque por essa expressividade um desdobramento de fatores psicológicos, afetivos e sociais pode ser promovido. O educador infantil, consciente das possibilidades da expressividade intelectual e afetiva da criança para narrar e produzir histórias sobre a realidade que percebe ou que imagina, pode criar um espaço simbólico importante para o desenvolvimento integral da criança, preparando bases para a alfabetização.

Segundo Vygotsky¹¹³, a alfabetização é um processo formal que continua um processo anterior de uso da expressividade da criança diante do mundo. Se a expressividade anterior ao aprendizado formal dos códigos linguísticos for estimulada e promovida, ganhos

112 PESSOA, C. T.; NASCIMENTO, R. O. *Uma perspectiva sócio-histórica do processo de alfabetização com conscientização do contexto sociocultural. Anais XV Encontro Nacional da Associação Brasileira de Psicologia Social.*

113 VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente. 7 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.*

legislações gerais, que todas as instituições devem respeitar. Além disso, envolve o uso eficiente dos recursos disponíveis, bem como a supervisão e avaliação das atividades escolares.

Já a Gestão Escolar, trata dos processos e práticas específicas de cada instituição, isso inclui a forma com que as atividades são aplicadas, a gestão financeira da instituição, a participação dos pais e estudantes nas decisões da escola. Ademais, ela trabalha na atuação dos coordenadores, professores e diretor da escola.

— **Onde a Gestão Educacional atua no Brasil**

A gestão educacional engloba várias áreas no Brasil, seu papel é garantir e promover melhorias no sistema educacional. Suas principais áreas são:

— **Administração das instituições de ensino:** A gestão educacional trabalha na administração das instituições, isso engloba a questão financeira, a distribuição de materiais, a definição de estratégias de ensino, definição dos conteúdos de cada série, a criação de um ambiente escolar seguro e inclusivo para todos, além do desenvolvimento e formação dos profissionais e educadores;

— **Políticas educacionais:** O desenvolvimento de políticas educacionais é essencial para que a gestão educacional aconteça. A gestão trabalha também na criação de planos e programas educacionais que guiam as decisões no âmbito federal, estadual e municipal. Essas políticas trabalham também na avaliação e no monitoramento dos resultados das reformas educativas.

— **Gestão pedagógica:** A gestão pedagógica e a gestão educacional andam lado a lado nas práticas educacionais eficientes, isso envolve a criação de estratégias de ensino, a escolha de métodos de avaliação, o incentivo de abordagens inclusivas e inovadoras garantindo ao aprendizado dos estudantes e o fornecimento de educação adequada para todos.

— **Avaliação e monitoramento:** Nesta área, possuímos avaliações educacionais como o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (SAEB) e o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que nos ajudam a avaliar o desempenho dos estudantes, das escolas e das redes de ensino. A gestão educacional utiliza indicadores educacionais para identificar algum problema dentro da instituição e procurar soluções para eles.

SISTEMA EDUCACIONAL/COMPETÊNCIAS LEGAIS — NÍVEL INFANTIL (NORMATIVAS DA LEGISLAÇÃO)

No Brasil, as normativas da legislação para o sistema educacional no nível infantil são regidas principalmente pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/96) e pela Resolução CNE/CEB nº 5/2009, que estabelecem as diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil.

De acordo com essas normativas, a educação infantil é a primeira etapa da educação básica, destinada às crianças de 0 a 5 anos de idade. Ela tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade.

No que diz respeito às competências legais no nível infantil, essas normativas estabelecem que os educadores devem garantir o direito das crianças ao brincar, ao movimento, à interação, à expressão e à comunicação. Além disso, é dever da escola oferecer um ambiente adequado, com espaços e materiais lúdicos que favoreçam o desenvolvimento das crianças.

Em relação ao currículo, as normativas preveem que o trabalho na educação infantil deve ser organizado de forma a contemplar as experiências e os conhecimentos das crianças, respeitando suas características individuais e promovendo o desenvolvimento do pensamento crítico, da criatividade, da autonomia e da socialização.

As normativas também destacam a importância da participação das famílias no processo educativo, sendo fundamental a parceria entre escola e família. Deve-se assegurar a participação dos pais ou responsáveis na elaboração e execução das propostas pedagógicas, bem como no acompanhamento e avaliação do desenvolvimento das crianças.

Em suma, as normativas da legislação para o sistema educacional no nível infantil no Brasil têm como objetivo garantir uma educação de qualidade e o desenvolvimento integral das crianças, respeitando suas especificidades e promovendo o seu pleno desenvolvimento físico, emocional, cognitivo e social.

NÍVEL FUNDAMENTAL (NORMATIVAS DA LEGISLAÇÃO)

As normativas da legislação para o ensino fundamental no Brasil são estabelecidas principalmente pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que é a lei nº 9.394/96. Esta lei estabelece as diretrizes e bases da educação nacional e regulamenta a organização da educação brasileira.

De acordo com a LDB, o ensino fundamental é obrigatório e tem duração de nove anos, sendo dividido em duas etapas: anos iniciais (1º ao 5º ano) e anos finais (6º ao 9º ano). O ensino fundamental visa a formação básica do cidadão e o desenvolvimento de habilidades e competências necessárias para a continuidade da vida escolar, bem como para a vida em sociedade.

As principais normativas da legislação para o ensino fundamental incluem:

Obrigatoriedade: todos os alunos com idade entre 6 e 14 anos devem matricular-se e frequentar regularmente o ensino fundamental;

Carga horária: o ensino fundamental deve ter uma carga horária mínima anual de 800 horas, distribuídas ao longo do período letivo;

Conteúdos curriculares: a legislação estabelece os conteúdos curriculares mínimos obrigatórios que devem ser trabalhados nas diferentes disciplinas;

Avaliação: o ensino fundamental deve utilizar sistemas de avaliação, com vistas à verificação do rendimento escolar e à promoção dos estudantes;

Professores habilitados: a legislação estabelece que os professores que atuam no ensino fundamental devem possuir formação específica para a área em que atuam;

Infraestrutura escolar: são estabelecidas algumas normas para a infraestrutura escolar, como salas de aula adequadas, biblioteca com acervo mínimo, laboratórios, entre outros;

Participação da família: a legislação prevê a participação da família no acompanhamento da vida escolar do aluno, por meio do estabelecimento de parcerias entre a escola e os pais ou responsáveis.

conhecer as teorias educacionais, as clássicas e as contemporâneas, para poderem se situar teórica e praticamente enquanto sujeitos envolvidos em marcos sociais, culturais, institucionais. Pode ser verdade que o caminho se faz ao caminhar, mas o sujeito inteligente terá primeiro que recorrer aos mapas, a não ser que esteja atrás de um caminho que ainda ninguém percorreu.

Outra razão forte em favor das classificações decorre de um posicionamento teórico segundo o qual as teorias, os conteúdos, os métodos, constituem-se em mediações culturais já constituídos na prática e na teoria e que fazem parte da atividade sócio histórica do campo pedagógico. Tais mediações são instrumentos simbólicos e culturais que participam na formação intelectual e profissional. As classificações de teorias são, pois, instrumentos mediacionais que possibilitam formação de esquemas mentais, quadros de referência.

A Corrente Racional Tecnológica

Essa corrente corresponde à concepção que tem sido designada de *neotecnicismo* e está associada a uma pedagogia a serviço da formação para o sistema produtivo. Pressupõe a formulação de objetivos e conteúdos, padrões de desempenho, competências e habilidades com base em critérios científicos e técnicos.

Diferentemente do cunho acadêmico da pedagogia tradicional, a corrente racional tecnológica busca seu fundamento na racionalidade técnica e instrumental, visando a desenvolver habilidades e destrezas para formar o técnico. Metodologicamente, caracteriza-se pela introdução de técnicas mais refinadas de transmissão de conhecimentos incluindo os computadores, as mídias. Uma derivação dessa concepção é o *currículo por competências*, na perspectiva economicista, em que a organização curricular resulta de objetivos assentados em habilidades e destrezas a serem dominados pelos alunos no percurso de formação.

Apresenta-se sob duas modalidades:

- a) ensino de excelência, para formar a elite intelectual e técnica para o sistema produtivo;
- b) ensino para formação de mão-de-obra intermediária, centrada na educação utilitária e eficaz para o mercado.

Outros traços dessa corrente: centralidade no conhecimento em função da sociedade tecnológica, transformação da educação em ciência (racionalidade científica), produção do aluno como um ser tecnológico (versão tecnicista do “aprender a aprender”), utilização mais intensiva dos meios de comunicação e informação e do aparato tecnológico.

A Corrente Neocognitivista

Nesta denominação estão incluídas correntes que introduzem novos aportes ao estudo da aprendizagem, do desenvolvimento, da cognição e da inteligência.

Construtivismo Pós-piagetianismo

O construtivismo, no campo da educação, refere-se a uma teoria em que a aprendizagem humana é **resultado de uma construção mental realizada pelos sujeitos com base na sua ação sobre o mundo e na interação com outros.**

O ser humano tem uma potencialidade para aprender a pensar que pode ser desenvolvida porque a faculdade de pensar não é inata e nem é provida de fora. O construtivismo pós piagetiano incorpora contribuições de outras fontes tais como o lugar do desejo e do outro na aprendizagem, o predomínio da linguagem em relação

à razão, o papel da interação social na construção do conhecimento, a singularidade e a pluralidade dos sujeitos, conforme Grossi e Bordin (1993)¹¹⁷.

Nessa mesma perspectiva, o sócio construtivismo mantém o papel da ação e da experiência do sujeito no desenvolvimento cognitivo, mas introduz com mais vigor o componente social na aprendizagem, tornando claro o papel determinante das significações sociais e das interações sociais na construção de conhecimentos.

Instrumentos cognitivos utilizados pelas crianças são, também, reestruturações de representações sociais reformadas nas interações sociais. Uma das noções chave desse paradigma é o conflito sócio cognitivo que surge em situações de interação, nas quais estão também envolvidas experiências sociais e culturais que interveem nas aprendizagens, de acordo com Garnier, Bednarz e Ulanovskaya, (1996)¹¹⁸.

Ciências Cognitivas

A abordagem cognitiva refere-se a **estudos relacionados ao desenvolvimento da ciência cognitiva associada à utilização de computadores.** Seu objetivo é **buscar novos modelos e referências para avançar na investigação sobre os processos psicológicos e a cognição.** A partir da psicolinguística, da teoria da comunicação e da cibernética (ciência dos computadores), surgem duas versões: a *psicologia cognitiva*, que estuda diretamente o comportamento inteligente de sujeitos humanos, o ser humano como processador de informações, e a *ciência cognitiva*, que aprofunda as analogias entre mente e computador, visando a construção de modelos computacionais para entender a cognição humana.

Seu interesse é a construção de programas de inteligência artificial que realizam tarefas que implicam em um comportamento inteligente, conforme Eysenk & Keane (1994)¹¹⁹. Há estudos da abordagem do processamento da informação ao construtivismo piagetiano.

Teorias sócio críticas

A designação “*sócio crítica*” está sendo utilizada para ampliar o sentido de “*crítica*” e abranger teorias e correntes que se **desenvolvem a partir de referenciais marxistas ou neomarxistas** e mesmo, apenas, de inspiração marxista e que são, frequentemente, divergentes entre si principalmente quanto a premissas epistemológicas. **As abordagens sócio críticas convergem na concepção de educação como compreensão da realidade para transformá-la, visando a construção de novas relações sociais para superação de desigualdades sociais e econômicas.**

Em razão disso, considera especialmente os efeitos do currículo oculto e do contexto da ação educativa nos processos de ensino e aprendizagem, inclusive para submeter os conteúdos a uma análise ideológica e política. Algumas dão mais ênfase às questões políticas do processo de formação, outras colocam a relação pedagógica como mediação da formação social e política. Neste segundo caso, a educação cobre a função de transmissão cultural, mas também é **responsável pela ajuda** ao aluno no desenvolvimento de suas pró-

117 GROSSI, E.P. e BORDIN, J. (org.) *Construtivismo pós-piagetiano*. Petrópolis: Vozes, 1993.

118 GARNIER, Catherine, BEDNARZ, Nadine, ULANOVSKAYA, Irina (org.). *Após Vygotsky e Piaget – Perspectivas social e construtivista – Escolas Russa e Ocidental*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

119 EYSENK & KEANE, 1994. *Psicologia Cognitiva*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

é considerado como uma totalidade formada por dimensões interpenetrantes: as pessoas, as comunidades, unidas no meio biofísico.

Há indistinção entre sujeito observador e objeto. Para Bertrand e Valois (1994)¹²⁴, a pessoa une-se a todas as outras pessoas, a todas as consciências, a todas as outras “partículas” do cosmos, para constituir um “nós”, no sentido de simbiose. Disso resulta uma ação em comum, uma sinergia, em que as forças criativas de cada um e de todos convergem na ação.

Teoria da complexidade

É uma abordagem metodológica dos fenômenos em que se apreende a complexidade das situações educativas, em oposição ao pensamento simplificador. **A inteligibilidade complexa, ou o pensar mediante a complexidade, significa apreender a totalidade complexa, as inter-relações das partes, de modo a se travar uma abertura, uma diálogo entre diferentes modelos de análise, diferentes visões das coisas.**

Isso leva à cooperação interdisciplinar, ao intercâmbio de alteridades, mas a busca de inter-relações não significa ordenar a realidade, organizá-la. Significa buscar, também, a desordem, a contradição, a incerteza. Põe dúvidas sobre o que é a verdade, o que é a realidade empírica, de modo a ver os vários lados da situação.

Segundo Morin, “a teoria científica não é o reflexo do real, é uma construção do espírito que se esforça para captar o real. As teorias científicas são produções do espírito, são percepções do real, são sociais, emergem de uma cultura. Elas carregam a incerteza, o inesperado”. Essas ideias, obviamente, nos põem frente a uma prática pedagógica nada prescritiva, nada disciplinar. Já que não há nada que seja absolutamente científico, absolutamente seguro, precisamos dialogar com a dúvida, com o inesperado e o imprevisível. **Pensar por complexidade é usar nossa racionalidade para juntar coisas separadas, para aumentar nossa liberdade de fazer o bem e evitar o mal.**

Aplicada à pedagogia, o pensamento complexo pressupõe a integração no ato pedagógico de múltiplas dimensões, o que requer o diálogo com várias orientações de pensamento, reconhecendo que nenhuma teoria pedagógica é capaz, sozinha, de atender a necessidades educativas sociais e individuais.

Teoria naturalista do conhecimento

Essa teoria, desenvolvida por autores como Varela e Maturana, e aqui no Brasil, por Hugo Assmann (1996)¹²⁵, **compreende que o conhecimento humano está ligado ao plano biológico, bioindividual e biossocial.**

Essa teoria se opõe a uma visão mentalista do sujeito e da consciência, afirmando a mediação corporal dos processos de conhecimento. Nossa consciência não é soberana, não somos donos do nosso destino como pensamos, porque há “mediações auto organizativas da corporeidade individual e das mediações sócio-organizativas” que escapam de nossas intenções conscientes.

124 BERTRAND, YVES e VALOIS, Paul. *Paradigmas educacionais. Escola e sociedades*. Lisboa: Horizontes Pedagógicos, 1994.

125 ASSMANN, Hugo. *Metáforas para reencantar a educação*. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1996.

Por isso, segundo Assmann (1996)¹²⁶, **a pedagogia das certezas e dos saberes pré-fixados deve ser substituída por uma pedagogia da pergunta, do melhoramento das perguntas e do acesamento de informações, em suma, por uma pedagogia da complexidade, que saiba trabalhar com conceitos transversáveis, abertos para a surpresa e o imprevisto.**

A *teoria da corporeidade*, desenvolvida por esse autor, propõe uma visão nova do conhecimento cujo ponto de partida é a profunda identidade entre processos vitais e processos de conhecimento. “Onde não se propiciam processos vitais, tampouco se favorecem processos de conhecimento. E isto vale tanto para o plano biofísico quanto para a interação comunicativa. Toda morfogênese do conhecimento é constituída por níveis emergentes a partir dos processos auto organizativos da corporeidade vida. Por isso, todo conhecimento tem uma inscrição corporal e se apoia numa complexa interação sensorial. O conhecimento humano nunca é pura operação mental. Toda ativação da inteligência está entretecida de emoções”.

Ecopedagogia

A ecopedagogia (*óicos*, do grego, morada, espaço habitado), ou paradigma ecológico, **propõe a recuperação do sentido humano do espaço habitado abrangendo tanto a dimensão biosférica quanto as dimensões socioinstitucionais e mentais.** Mais especificamente, é uma pedagogia que promove a aprendizagem do sentido das coisas a partir da vida cotidiana, é no cotidiano que se constrói a cultura da sustentabilidade, a cultura que valoriza a vida, que promove o equilíbrio dinâmico entre seres vivos e não vivos.

Os princípios da eco pedagogia acentuam a unidade de tudo o que existe, a inter-relação e auto-organização dos diferentes ecossistemas, o reconhecimento do global e do local na perspectiva de uma cidadania planetária, a centralidade do ser humano no processo educativo e a intersubjetividade, a educação voltada para a vida cotidiana.

O conhecimento em rede

A ideia básica da corrente do Conhecimento em rede é de que os conhecimentos disciplinares, assentados na visão moderna de razão, devem ceder lugar aos conhecimentos tecidos em redes relacionados à ação cotidiana. O conhecimento se constrói socialmente, não no sentido de assimilação da cultura anteriormente acumulada, mas no sentido de que ele emerge nas ações cotidianas, rompendo-se com a separação entre conhecimento científico e conhecimento cotidiano. Há uma vinculação do conhecimento com a prática social, que se caracteriza pela multiplicidade e complexidade de relações em meio das quais se criam e se trocam conhecimentos, tecendo redes de conhecimentos entre os sujeitos em interação. *O conhecimento surge, portanto, das redes de relações em que as pessoas compartilham significados. Com isso, são eliminadas as fronteiras entre ciência e senso comum, entre conhecimento válido e conhecimento cotidiano.*

A escola é “um espaço/tempo de relações múltiplas entre múltiplos sujeitos com saberes múltiplos, que aprendem/ensinam o tempo todo, múltiplos conteúdos de múltiplas maneiras conforme, Alves (2001)¹²⁷.”

126 Idem

127 ALVES, Nilda. *Imagens das escolas: sobre redes de conhecimentos e currículos escolares*. In: *Educar*, Curitiba, n. 17, 2001. Editora da UFPR.

Nesse contexto, o sistema de ensino também conta com órgãos de fiscalização e controle, como os conselhos de educação, responsáveis por acompanhar a qualidade do ensino, e os sindicatos de professores, que lutam pelos direitos da classe.

Ao longo dos anos, o sistema de ensino passou por diversas reformas e mudanças, buscando aprimorar a qualidade da educação oferecida, tornando-a mais inclusiva e acessível a todos os cidadãos. No entanto, ainda existem desafios a serem enfrentados, como a falta de infraestrutura adequada, a formação de professores e a desigualdade social.

Logo, a organização do sistema de ensino envolve a estruturação da educação básica e do ensino superior, com suas respectivas etapas de ensino, instituições de ensino e órgãos de controle, buscando garantir uma educação de qualidade para todos os cidadãos.

METODOLOGIAS

¹³⁰Os métodos de ensino são as ações do professor pelas quais se organizam as atividades de ensino e dos alunos para atingir objetivos do trabalho docente em relação a um conteúdo específico. Eles regulam as formas de interação entre ensino e aprendizagem, entre o professor e os alunos, cujo resultado é a assimilação consciente dos conhecimentos e o desenvolvimento das capacidades cognitivas e operativas dos alunos.

O método não se reduz a um conjunto de procedimentos. O procedimento é um detalhe do método, formas específicas da ação docente utilizadas em distintos métodos de ensino. Por exemplo, se é utilizado o método da exposição, podem-se utilizar procedimentos tais como leitura de texto, demonstração de um experimento, etc.

Qual é o Melhor Método?

O melhor método para a alfabetização¹³¹ é uma discussão antiga entre os especialistas no assunto e também entre os pais quando vão escolher uma escola para seus filhos começaram a ler as primeiras palavras e frases. No caso brasileiro, com os elevados índices de analfabetismo e os graves problemas estruturais na rede pública de ensino, especialistas debatem qual seria o melhor método para revolucionar, ou pelo menos, melhorar a educação brasileira. Ao longo das décadas, houve uma mudança da forma de pensar a educação, que passou de ser vista da perspectiva de como o aluno aprende e não como o professor ensina.

São muitas as formas de alfabetizar e cada uma delas destaca um aspecto no aprendizado. Desde o método fônico, adotado na maioria dos países do mundo, que faz associação entre as letras e sons, passando pelo método da linguagem total, que não utiliza cartilhas, e o alfabético, que trabalha com o soletramento, todos contribuem de uma forma ou de outra, para o processo de alfabetização.

Para Libâneo:¹³²“Os métodos são determinados pela relação objetivos-conteúdos, e referem-se aos meios para alcançar os objetivos gerais e específicos do ensino, ou seja, ao ‘como’ do processo de ensino, englobando as ações a serem realizadas pelo professor e pelos alunos para atingir objetivos e conteúdos.”

Características dos Métodos de Alfabetização

Método Sintético

O método sintético estabelece uma correspondência entre o som e a grafia, entre o oral e o escrito, através do aprendizado por letra por letra, ou sílaba por sílaba e palavra por palavra.

Os métodos sintéticos podem ser divididos em três tipos: o alfabético, o fônico e o silábico. No alfabético, o estudante aprende inicialmente as letras, depois forma as sílabas juntando as consoantes com as vogais, para, depois, formar as palavras que constroem o texto.

No fônico, também conhecido como fonético, o aluno parte do som das letras, unindo o som da consoante com o som da vogal, pronunciando a sílaba formada. Já no silábico, ou silabação, o estudante aprende primeiro as sílabas para formar as palavras.

Por este método, a aprendizagem é feita primeiro através de uma leitura mecânica do texto, através da decifração das palavras, vindo posteriormente a sua leitura com compreensão.

Neste método, as cartilhas são utilizadas para orientar os alunos e professores no aprendizado, apresentando um fonema e seu grafema correspondente por vez, evitando confusões auditivas e visuais.

Como este aprendizado é feito de forma mecânica, através da repetição, o método sintético é tido pelos críticos como mais cansativo e enfadonho para as crianças, pois é baseado apenas na repetição e é fora da realidade da criança, que não cria nada, apenas age sem autonomia.

Método Analítico

O método analítico, também conhecido como “método olhar-e-dizer”, defende que a leitura é um ato global e audiovisual. Partindo deste princípio, os seguidores do método começam a trabalhar a partir de unidades completas de linguagem para depois dividi-las em partes menores. Por exemplo, a criança parte da frase para extrair as palavras e, depois, dividi-las em unidades mais simples, as sílabas.

Este método pode ser dividido em palavração, sentencição ou global. Na palavração, como o próprio nome diz, parte-se da palavra. Primeiro, existe o contato com os vocábulos em uma sequência que engloba todos os sons da língua e, depois da aquisição de certo número de palavras, inicia-se a formação das frases.

Na sentencição, a unidade inicial do aprendizado é a frase, que é depois dividida em palavras, de onde são extraídos os elementos mais simples: as sílabas. Já no global, também conhecido como conto e estória, o método é composto por várias unidades de leitura que têm começo, meio e fim, sendo ligadas por frases com sentido para formar um enredo de interesse da criança. Os críticos deste método dizem que a criança não aprende a ler, apenas decora.

Método Alfabético

Um dos mais antigos sistemas de alfabetização, o método alfabético, também conhecido como soletração, tem como princípio de que a leitura parte da decoraçao oral das letras do alfabeto, depois,

¹³⁰ LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.

¹³¹ VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

¹³² LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1994.